

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus logico-philosophicus**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022\*

Crysman Dutra\*\*

O *Tractatus logico-philosophicus* se situa entre as obras fundamentais da filosofia analítica. Sem dúvida a sua leitura é indispensável para todos os interessados em filosofia devido ao seu impacto e à amplitude dos problemas abordados. Foi a partir desse texto, publicado em 1921, quando o seu autor contava 32 anos, que a personalidade de Ludwig Wittgenstein (1889-1951) tornou-se consagrada entre a filosofia, sendo talvez o nome de maior destaque da filosofia do século XX.

A mais recente edição brasileira do *Tractatus* traz um minucioso ensaio introdutório assinado por seu tradutor – Luiz Henrique Lopes dos Santos – como também a introdução redigida por, talvez a maior influência intelectual de Wittgenstein, Bertrand Russell. Além disso, a presente edição é bilíngue (alemão-português).

No que diz respeito à estrutura do livro, o *Tractatus* é, paradoxalmente, um livro de lógica construído por meio de aforismos, o que pode acabar dificultando a sua leitura, além de impedir deliberadamente uma leitura sistemática de cada aforismo. José Henrique Lopes dos Santos, no ensaio introdutório reproduzido no livro, nos fornece uma valiosa pista metodológica do *Tractatus*. Segundo ele, o livro de Wittgenstein foi capaz de articular duas tradições tipicamente filosóficas: a tradição crítica e a tradição lógica (Santos, 2022, p.11).

Grande parte da redação do *Tractatus* se deve a dois personagens: Gottlob Frege (1848-1925) e Bertrand Russell (1872-1970), responsáveis pela virada linguística da filosofia. Russell certamente foi decisivo para a divulgação da obra por ter escrito a sua introdução<sup>1</sup>.

Em vez de manter a matriz gramatical do silogismo aristotélico, Frege introduziu uma lógica simbólica, realizada mediante a formalização da proposição, obtida a partir do cálculo de predicados. Nesse sentido, Frege desloca os conceitos de sujeito e predicado em detrimento dos conceitos de função e argumento. Frege percebeu que as proposições são portadoras de função de verdade. Cabe ao lógico determinar a função de verdade das proposições. Esse

---

\* Resenha recebida em 31/10/2023 e aprovada para publicação em 12/12/2023.

\*\* Graduado em Filosofia pela UFMG. E-mail: [crysman1@hotmail.com](mailto:crysman1@hotmail.com).

<sup>1</sup> Na introdução redigida pelo próprio Wittgenstein (p. 127) constam as seguintes palavras referentes à influência de Frege e Russell: “Desejo apenas mencionar que devo às grandes obras grandiosas de Frege e aos trabalhos de meu amigo Sr. Bertrand Russell”.

procedimento, para Frege, representa uma vantagem perante o silogismo de Aristóteles, pois evitava recair numa linguagem psicológica e epistemológica.

Além disso, a fisionomia da lógica de Frege apresentou, ainda, outro trunfo em relação à lógica de Aristóteles, pois os quantificadores universais (“todos”, “nenhum”) e existenciais receberam um tratamento algébrico, algo que não se incluía no silogismo tradicional. Com isso, Frege acreditava garantir maior eficiência e exatidão na análise lógica das proposições, o que permite analisar um fato (uma proposição) a partir de suas relações e propriedades. Tais relações e propriedades são substituídas por uma variável. Por exemplo:

Para todo  $x$ , se  $x$  é humano, então  $x$  é mortal.

O que pode ser formalizado da seguinte maneira:

$$\forall x (H(x) \rightarrow M(x))$$

Nesse caso ( $x$ ) é a variável que indica todos os membros do conjunto dos mortais, independentemente do nome empregado na sentença, seja ele “Sócrates” ou “Antônio”. Assim, pode-se substituir ( $x$ ) por qualquer um desses membros de modo a preservar o valor de verdade da proposição<sup>2</sup>. Isso quer dizer que as sentenças são, do ponto de vista simbólico, parcialmente irrelevantes. O que deve ser levado em consideração é a função de seu valor de verdade.

No que concerne ao seu sistema de numeração, o *Tractatus* contém um esquema *sui generis*. A distribuição dos números exprime o conteúdo de seu peso lógico. Sendo assim, os números inteiros correspondem às principais sentenças do texto, enquanto os números decimais são comentários adicionais à sentença principal<sup>3</sup>. Convém transcrever a série das sentenças inteiras do *Tractatus* com o objetivo de acompanhar as ideias substanciais:

1. O mundo é tudo o que é o caso.
2. O que é o caso, o fato, é a existência de estados de coisas.
3. A figuração lógica dos fatos é o pensamento.
4. O pensamento é a proposição com sentido.
5. A proposição é uma função de verdade das proposições elementares. (A proposição elementar é uma função de verdade de si mesma).

<sup>2</sup> Leibniz (1646-1716) já havia demonstrado esse tipo de identidade que envolve os predicados, conhecida como o princípio de substituição “*salva veritate*”. Alguns exemplos marcantes podem ser verificados nos textos de Frege e Russell. Em *Sobre o sentido e a referência* (1892) Frege diz: “Estrela da manhã” e “Estrela da tarde” são expressões que se referem ao mesmo objeto, isto é, o planeta Vênus e são, portanto, intercambiáveis. Em seu artigo, *On denoting* (1905), esse tipo de relação semântica é denominada por Russell de “descrições definidas”.

<sup>3</sup> Kai Buchholz (2009, p. 56) elabora um gráfico sobre os conceitos filosóficos e semânticos básicos do *Tractatus*, relacionando-os aos conceitos de mundo e linguagem.

6. A forma geral da função é. Isso é forma geral da proposição.

E para encerrar, a mais enigmática, dentre todas as já obscuras sentenças do *Tractatus*:

7. Sobre aquilo de que não se pode falar deve-se calar.

As duas primeiras sentenças constituem a ontologia de Wittgenstein. A filosofia tradicional analisava “as coisas”, “os entes” – ao passo que Wittgenstein considera o mundo como um agregado de fatos atômicos – o espaço lógico que determina o que é verdadeiro e o que é falso (1 - 1.13). Nele os objetos são tomados em sua estreita conexão e encadeamento com os outros objetos, que consiste no que é chamado de “estado de coisas<sup>4</sup>” (2.0121), o que forma a “substância do mundo” (2.021).

As sentenças 3 e 4 explicam sobre a conexão que abrange epistemologia, semântica e ontologia. Enquanto a sentença 5 apresenta tópicos relacionados à natureza essencial da proposição e trata, brevemente, de filosofia da matemática e do “eu” filosófico como limite do mundo, em que se exprime o traço do solipsismo do *Tractatus* (5.641). A sentença 6 permanece investigando a proposição, porém adquire novos contornos decisivos para a argumentação do texto, visto que são discutidas questões de ética, estética e o sentido da vida. A sentença 7 e última proposição é a mais enigmática e desafiadora do ponto de vista da leitura e dos intérpretes. Ela lança sementes no terreno de inúmeras interpretações, as quais são bastante diferentes entre si.

Wittgenstein, seguindo a trilha de Frege, reconhece que as proposições devem estar de acordo com a realidade, isto é, uma proposição só será considerada verdadeira se o conteúdo que está afirmando corresponde à descrição dos fatos do mundo. Daí o porquê de Wittgenstein pressupor que uma proposição é uma figuração da realidade, pois implica que ela diz algo acerca dos fatos do mundo.

Mas antes de avaliar se o que uma proposição descreve é verdadeiro ou falso é preciso, em primeiro lugar, estabelecer as condições que fazem com que uma proposição seja verdadeira ou falsa. Em outras palavras, é de vital importância que se verifique em quais circunstâncias uma proposição denota algo a respeito da realidade, isto é, enuncia algo com sentido e significado.

Wittgenstein então vai concentrar os seus esforços na tentativa de confecção de uma linguagem logicamente perfeita, poderosa o suficiente para eliminar qualquer resquício de

---

<sup>4</sup> Buchholz (2009, p. 56) aprofunda minuciosamente os conceitos centrais do *Tractatus*. Ele associa estados de coisas a proposições elementares e fatos a proposições complexas.

ambiguidade proveniente da linguagem ordinária. Ele resume o valor de sua obra nas seguintes palavras:

Nela estão expressos pensamentos, e esse valor será maior quanto mais bem expressos estiverem os pensamentos. Quanto mais perto do centro a flecha atingir o alvo. – Nisso estou ciente de ter ficado muito aquém do possível. Simplesmente porque minha capacidade é pouca para levar a tarefa a cabo. – Possam outros vir e fazer melhor. Por outro lado, a *verdade* dos pensamentos aqui comunicados me parece intocável e definitiva. Portanto, é minha opinião que, no essencial, resolvi de vez os problemas. E se não me engano quanto a isso, o valor deste trabalho consiste, em segundo lugar, em mostrar como importa pouco resolver esses problemas (Wittgenstein, 2022, p. 127).

Uma proposição é uma figuração (*Bild*) da realidade quando representa uma combinação de fatos do mundo, conectando reciprocamente as relações estabelecidas a partir do nomear e o nomeado. São exatamente essas relações que permitem a interpretação, ou seja, elas são a condição suficiente e necessária para atribuir significado a qualquer proposição. Não é à toa que Wittgenstein identifica proposição às propriedades projetivas ortogonais da geometria, tais projeções ortogonais se referem à correlação, sustentada por Wittgenstein, entre pensamento, linguagem e mundo.

Nessa perspectiva, a semântica, a ontologia e a epistemologia são encaradas como mutuamente equivalentes. Cabe à filosofia e aos seus praticantes determinar, por meio da análise lógica, o que pode ser expresso, cognoscível e imaginável; em contrariedade com indizível, imponderável e inconcebível. Wittgenstein, com efeito, pretende traçar as fronteiras do discurso enunciativo, em contraposição àquilo que se constitui no polo do indizível<sup>5</sup>. Embora ele não se dedique a nomear o alvo de suas críticas e as suas respectivas bases filosóficas, a tentativa de aproximar – mais exatamente, conciliar – a realidade e o discurso semântico, de tal maneira a separar o verdadeiro do falso, é uma ocupação que remonta, no mínimo, à metafísica de Parmênides.

Para Wittgenstein, as intenções psicológicas são epistemicamente irrelevantes, o que interessa é o esquema lógico, isso é o que permite explicar a relação entre o conjunto de palavras da proposição e o fato, o que faz uma proposição verdadeira ou falsa. Em função do emprego da tabela de verdade, Wittgenstein conclui que todas as proposições da lógica e da matemática são tautológicas, pois são invariavelmente verdadeiras e universais, isso significa que o espaço lógico é como um andaime que sustenta a possibilidade de enunciados sobre

<sup>5</sup> Lemos no aforismo 4.114 (p. 167): “Cumpra-lhe delimitar o pensável e, com isso, o impensável. Cumpra-lhe limitar o impensável de dentro, através do pensável”.

fatos. As proposições contraditórias também são classificadas como tautológicas porque são inescapavelmente falsas. “Tautologia e contradição não são figurações da realidade. Não representam nenhuma situação possível. Pois aquela admite toda situação possível, esta não admite nenhuma” (4.462, p. 185).

Como todas as proposições lógicas são por dedução necessárias, a lógica não desempenha o papel de dizer, ela se mostra; ela, conforme observa Wittgenstein, “deve cuidar de si mesma” (5.473). As proposições só podem dizer como as coisas estão dispostas – como elas são, não o que elas são (3.221). A filosofia é definida como crítica da linguagem (4.0031). Enquanto a linguagem é definida como a totalidade das proposições (4.001). A construção de uma linguagem logicamente perfeita requer que deve haver um nome simples para cada item simples.

Qual é a origem dos problemas filosóficos? A isso responde Wittgenstein (4.003, p. 155):

A maioria das proposições e questões que se formularam sobre temas filosóficos não são falsas, mas contrassensos. Por isso, não podemos de modo algum responder a questões dessa espécie, mas apenas estabelecer seu caráter de contrassenso. A maioria das questões e proposições dos filósofos provém de não entendermos a lógica de nossa linguagem.

Toda questão genuína deve necessariamente conter uma resposta. Ora, se as questões filosóficas não contêm respostas significa que não são questões genuinamente de fato, mas apenas enigma ou mistério. A solução desse impasse é nítida, consiste na negação da existência de problemas filosóficos que, no entendimento de Wittgenstein, permite inibir a presença do contrassenso cético. Sendo assim, as proposições da ética são normativas ou juízos de valor (“Não mate”; “Não roube” – bem ou mal), bem como as proposições da estética (belo ou feio). Com efeito, as proposições da ética e estética não possuem valor de verdade, tais como as proposições com sentido.

O que na verdade está em jogo é a análise acerca das condições de possibilidade das questões filosóficas e, conseqüentemente da própria filosofia. Nesse sentido é legítimo atribuir ao *Tractatus* uma dimensão de metafilosofia. Wittgenstein reconhece uma função importante para a filosofia. Segundo ele, o trabalho dos filósofos é de natureza terapêutica. Nisto consiste o único método adequado da filosofia:

Nada dizer senão o que se pode dizer: portanto, proposições da ciência natural – ou seja, algo que nada tem a ver com a filosofia; e então, sempre que alguém pretendesse dizer algo de metafísico, mostrar-lhe que não conferiu significado a

certos sinais em suas proposições. Esse método seria, para ele, insatisfatório – não teria a sensação de que lhe estivéssemos ensinando filosofia; mas esse seria o único rigorosamente correto (6.53, p. 261).

A filosofia, portanto, não se constitui como um sistema teórico, mas como uma atividade. Ela deve se comprometer com a análise lógica da linguagem, pois admite que os problemas filosóficos são causados pela ambiguidade e vagueza da linguagem.

O *Tractatus* é um livro singular da filosofia, visto que ele impõe limites intransponíveis à linguagem e à cognição, porque se atreve a ultrapassar esses limites, cujo enlace dessa trama se dá por meio da ética, estética e teologia, ousando especular em torno de um território que, a princípio, somente se encontra acessível ao místico. Tais considerações permitem inúmeras interpretações dissonantes e causam discórdias entre os seus intérpretes. Essa recensão, dada a natureza e brevidade, não consegue tocar nos pontos centrais da argumentação desses intérpretes. Mas serve apenas como um convite à filosofia do *Tractatus*.

## REFERÊNCIAS

BUCHHOLZ, Kai. **Compreender Wittgenstein**. Petrópolis: Vozes, 2009.

FREGE, Gottlob. Sobre o sentido e a referência. *In*: FREGE, Gottlob. **Lógica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

RUSSELL, Bertrand. On denoting. **Mind**, New Series, v. 14, n. 56, 1905, p. 479-493.

SANTOS, José Henrique Lopes dos. Título do ensaio. *In*: WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus logicus-philosophicus**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus logicus-philosophicus**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.